



Artigo original

MARCAÇÃO DE OBJETO EM BANTU: uma sistematização do fenômeno em Changana

David Alberto Seth Langa¹  e Clauâne Pâmela Leal Dias Carolino² 

¹Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique

²Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

RESUMO: A marcação de objeto é um fenômeno linguístico comum nas línguas bantu, nele observamos que o objeto da frase é referenciado na estrutura verbal por meio de um prefixo. O objetivo deste artigo é sistematizar as descrições acerca do fenômeno de marcação de objeto em Changana. Para tanto, compilamos os contextos morfossintáticos e semântico-pragmáticos a partir dos quais a marca de objeto emerge na língua a partir de uma revisão bibliográfica dos estudos de Chimbutane (2002), Ngunga e Simbine (2012), Langa (2013) e Ngunga, Duarte e Quesler (2016). As descrições do fenômeno apontam que a marca de objeto tem a função de codificar a leitura tópica, isso porque o argumento marcado no verbo representa uma informação dada no discurso. Nesse contexto, objeto referenciado passar a ter sua realização morfofonológica opcional na frase como um NP pleno, uma vez que a partir da marca de objeto torna-se possível recuperar a referência do NP referenciado. Esse fenômeno ocorre em frases transitivas ou transitivizadas e em construções de duplo objeto. Além disso, a marcação do objeto possibilita a flexibilização da ordem dos constituintes, pois a coreferencialidade da marca garante a interpretação do NP marcado como objeto da frase. Por fim, identificamos uma divergência quanto ao estatuto gramatical da marca de objeto, havendo duas propostas, a primeira caracteriza a marca como pronome incorporado e a segunda como marca de concordância. Desta feita, a sistematização das informações proposta neste artigo serve como base para estudos posteriores sobre a marca de objeto.

Palavras-chave: Changana, leitura tópica, marca de objeto.

OBJECT MARKING IN BANTU: a systematization of the phenomenn in Changana

ABSTRACT: Object marking is a common linguistic phenomenon in Bantu languages, in which the object of a sentence is referenced in the verbal structure through a prefix. The aim of this article is to systematize the descriptions of the phenomenon of object marking in Changana. To this end, we compiled the morphosyntactic and semantic-pragmatic contexts in which object marking emerges in the language, based on a bibliographic review of studies by Chimbutane (2002), Ngunga and Simbine (2012), Langa (2013), and Ngunga, Duarte, and Quesler (2016). The descriptions of the phenomenon indicate that object marking serves to encode topical interpretation, as the argument marked on the verb represents given information in the discourse. In this context, the referenced object may have optional morphophonological realization in the sentence as a full NP, since the object marker makes it possible to recover the reference of the marked NP. This phenomenon occurs in transitive or transitivized sentences and in double object constructions. Furthermore, object marking allows flexibility in the order of constituents, as the marker's coreferentiality ensures the interpretation of the marked NP as the object of the sentence. Finally, we identified a divergence regarding the grammatical status of the object marker, with two proposals: one characterizes the marker as an incorporated pronoun, while the other considers it as concord marker. Thus, the systematization of the information proposed in this article serves as a basis for further studies on object marking.

Keywords: Changana, topical reading, object marking.

Correspondência para: (correspondence to:) daslanga@gmail.com

INTRODUÇÃO

De modo geral, é comum identificarmos o fenômeno de marcação de objeto nas línguas pertencentes ao grupo linguístico Bantu. Nesse fenômeno observamos que o objeto da frase é referenciado na estrutura do verbo por meio de um prefixo que ocorre imediatamente antes da raiz verbal. Os dados abaixo ilustram o comportamento da marca de objeto na língua Changana:

(1a) *Muhloti adlayile nghonyama.*

Mu-hloti	a-dlay-ile	n-ghonyama
1-caçador	1MS-matar-PASS	9-leão

“O caçador matou um leão.”

(1b) *Muhloti ayidlayile nghonyama.*

Mu-hloti	a-yi-dlay-ile	n-ghonyama
1-caçador	1MS-9MO-matar-PASS	9-leão

“O caçador matou-o, o leão.”

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

Os dados em (1) exemplificam uma frase transitiva com o verbo *kudlaya* ‘matar’, que apresenta o argumento *muhloti* ‘caçador’ na posição de sujeito e o argumento *nghonyama* ‘leão’ na posição de objeto. Em (1a), observamos que a estrutura verbal é composta pelo prefixo {a-} da classe 1, que marca o sujeito, seguido da raiz verbal {-dlay-} e ao final pelo sufixo de tempo passado {-ile}. Já no dado (1b), notamos, além dos morfemas referidos, o prefixo {-yi-} da classe 9, que marca o objeto na posição anterior à raiz do verbo. Ainda em (1b), percebemos que o uso da marca de objeto faz com que o objeto seja realizado na frase por meio do prefixo {-yi-} e do NP pleno (*nghonyama*).

A marca de objeto, por ser correferencial ao NP, carrega os mesmos traços da classe nominal do NP referenciado. Desta forma, como observamos em (1b), o fato de o objeto ser da classe 9 faz com que o prefixo da marca de objeto seja por consequência da mesma classe. Essa constatação é evidenciada pela agramaticalidade do dado abaixo:

(1c) **Muhloti axidlayile nghonyama.*

Mu-hloti	a-xi-dlay-ile	n-ghonyama
1-caçador	1MS-7MO-matar-PASS	9-leão

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

O dado em (1c) configura-se como agramatical pelo fato de que o prefixo utilizado no processo de marcação do objeto, {-xi} da classe 7, não é da mesma classe nominal do objeto *nghonyama*, {n-} da classe 9.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste artigo foi realizada uma revisão de literatura. A partir deste método, pretende-se realizar a compilação de conhecimentos desenvolvidos e publicados até o momento acerca de um determinado assunto, com o intuito de evitar que o estudioso chegue a hipóteses e análises já feitas antes por outros autores (MACEDO, 1994).

Desta feita, com o intuito de apresentar uma sistematização do fenômeno de marcação de objeto na língua Changana foram compiladas informações sobre aspectos relacionados à

estruturação e ao comportamento da marca de objeto, aos tipos de construções nas quais a marca de objeto emerge e às restrições atreladas a ela a partir da análise de trabalhos desenvolvidos acerca do fenômeno, a saber Chimbutane (2002), Ngunga e Simbine (2012), Langa (2013) e Ngunga, Duarte e Quesler (2016), tal como pode ser observado na Tabela 1, em anexo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

MARCA DE OBJETO EM CHANGANA

Conforme Ngunga e Simbine (2012, p.136-137), a marca de objeto ocorre em verbos transitivos na língua Changana, isto é, aqueles que apresentam um objeto direto. Este complemento do verbo é realizado por um nome que pode se apresentar em sua forma plena, por exemplo, *xingove* ‘gato’ ou pode ocorrer na estrutura verbal por meio de uma marca correferencial ao nome, por exemplo, {-xi-}.

Ngunga e Simbine (2012) afirmam que este processo, em Changana, é também designado por pronominalização ou cliticização, sendo este processo motivado por questões enfáticas ou econômicas. Ademais, os autores propõem que a marca de objeto possui uma posição específica na estrutura do verbo, a qual é especificamente na posição adjacente imediatamente anterior à raiz verbal. O conjunto de dados apresentados em (2a) à (5b) expressa diferentes frases nas quais ocorre o processo de marcação de objeto:

(2a) *Wena wujile xingove.*

Wena	wu-j-ile	xi-ngove
Tu	2PS.MS-comer-PASS	7-gato

‘Tu comeste um gato.’

(2b) *Wena wuxijile (xingove).*

Wena	wu-xi-j-ile	(xi-ngove)
Tu	2PS.MS-7MO-comer-PASS	7-gato

‘Tu comeste-o (o gato).’

(3a) *Yena avonile xingove.*

Yena	a-von-ile	xi-ngove
Ele	3PS.MS-ver-PASS	7-gato

‘Ele viu um gato.’

(3b) *Yena axivonile (xingove).*

Yena	a-xi-von-ile	(xingove)
Ele	3PS.MS-7MO-ver-PASS	7-gato

‘Ele viu-o (o gato).’

(4a) *Hina hitsemile xingove.*

Hina	hi-tsem-ile	xi-ngove
Nós	1PP.MS-cortar-PASS	7-gato

‘Nós cortamos um gato.’

(4b) *Hina hixitsemile (xingove).*

Hina	hi-xi-tsem-ile	(xi-ngove)
Nós	1PP.MS-7MO-cortar-PASS	(7-gato)

‘Nós cortamo-lo (um gato).’

(5a) *Vona vabile xingove.*

Vona vabile xi-ngove

Eles 3PP.MS-bater-PASS 7-gato

‘Eles bateram no gato.’

(5b) *Vona vaxibile (xingove).*

Vona vaxibile (xingove)

Eles 3PP.MS-7MO-bater-PASS (7-gato)

‘Eles bateram-no (o gato).’

(NGUNGA E SIMBINE, 2012, adaptado)

Os dados nas alíneas (a) demonstram que os verbos transitivos (2) *kuja* ‘comer’, (3) *kuvona* ‘ver’, (4) *kutsema* ‘cortar’ e (5) *kuba* ‘bater’ possuem o nome *xingove* ‘gato’ como objeto direto. Percebemos que nos dados das alíneas (b) a marca de objeto {-xi} é introduzida antes das raízes verbais {-j-}, {-von-}, {-tsem-} e {-b-}, referindo-se ao objeto. Com a ocorrência da marca de objeto, a realização do nome passa a ser opcional, tal qual indica o sinal de parênteses. Segundo Ngunga e Simbine (2012, p. 136): “a palavra (*xingove*) repetir-se-ia se as frases estivessem a iniciar uma conversa. Mas se estivessem a responder a uma pergunta, não seria necessário incluir a palavra *xingove* ‘gato’ na frase, bastaria incluir o seu morfema correferente na estrutura da forma verbal.” Desta maneira, o apagamento do objeto da frase não geraria prejuízo a gramaticalidade da estrutura.

POSIÇÃO DA MARCA DE OBJETO NA ESTRUTURA VERBAL

Changana é uma língua que apresenta um padrão aglutinante, por este motivo é comum observarmos a propriedade de concatenação morfemas no processo de formação das palavras. Tal propriedade pode ser evidenciada pela vasta morfologia flexional e derivacional presente nos verbos da língua, isso porque eles possuem diferentes posições que permitem a afixação de morfemas variados. Ngunga e Simbine (2012) afirmam que os verbos nas línguas bantu apresentam uma estrutura composta pelo *Pré-tema* e o *Macro-tema*, tal estrutura pode ser analisada na Figura 1.

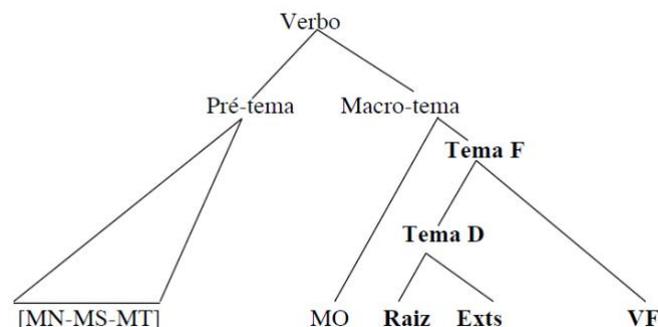


FIGURA 1: Estrutura do verbo em línguas bantu

Fonte: Ngunga e Simbine (2012, p.129)

No *Pré-tema* encontram-se as marcas de negação (MN), de sujeito (MS) e de tempo (MT), já no *Macro-tema* localizam-se a marca de objeto (MO) e os temas derivacional (D) e flexional

(F), sendo que do primeiro fazem parte a raiz verbal e as extensões verbais (Exts) e do último a vogal final (VF) ou vogal terminal.

Ainda no tocante a estrutura dos verbos, Langa (2013) propõe que em Changana há doze posições que acomodam diversos morfemas flexionais e derivacionais. Nessa proposta de estruturação do verbo há as seguintes posições prefixais: (1) Pré-inicial; (2) Inicial; (3) Pós-inicial; (4) Pré-formativo; (5) Formativo; (6) Pós-formativo e (7) Pré-radical. A oitava posição é dedicada ao radical que é seguida pelas posições prefixais de (9) Pós-radical; (10) Pré-final; (11) Final e (12) Pós-final. A esquematização dessas posições pode ser observada na Tabela 1:

Tabela 1: Distribuição dos morfemas da forma verbal em Changanaⁱ

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Pré-formativo	Formativo	Pós-formativo	Pré-radical	Radical	Pós-radical	Pré-final	Final	Pós-final
NEG/ ANT	INF/ MS	ANT/ NEG/ POT/ IMED / REL	PRES/ NEG/ CONT	PRES/ FUT	FACT/ HAB/ CONT/ EXCL/ IMED/ REL	MO	raiz	EV	NEG / REL	VF/ PFV/ SUBJ / HAB/ NEG/ IMP	PART

Fonte: Langa (2013, p. 234)

A marca de objeto ocupa a sétima posição de pré-radical, imediatamente anterior à raiz verbal (oitava posição), de modo que não pode haver morfemas interpolando as posições “pré-radical” e “radical”. Os dados em (6) ilustram a posição da marca de objeto na estrutura verbal:

(6a) *Kutsema.*

Ku-tsem-a
MS-cortar-VF
'Cortar.'

(6b) *Nitatsema.*

Ni-ta-tsem-a
1PS.MS-FUT-cortar-VF
'Cortarei.'

(6c) *Nitaxitsema.*

Ni-ta-xi-tsem-a
1PS.MS-FUT-7MO-cortar-VF
'Cortarei-o.'

(NGUNGA E SIMBINE, 2012, adaptado)

Em (6a), observa-se o verbo *kutsema* 'cortar' em sua forma infinitiva, sendo {ku-} o prefixo de classe 15 e {-a} a vogal final. Em (6b), encontra-se uma estrutura verbal mais complexa, *nitatsema* 'cortarei', na qual ocorre a marca de sujeito {-ni-} sucedida pelo prefixo de tempo futuro {-ta-}, depois a raiz verbal {-tsem-} e finalmente, a vogal final {-a}. Em (6c), percebe-se também uma estrutura verbal mais complexa, *nitaxitsema* 'cortarei-o', que apresenta a marca de sujeito {-ni-}, seguida do prefixo de tempo futuro {-ta-} e logo após a marca de objeto {-xi-} que ocorre imediatamente antes da raiz verbal {-tsem-} e por fim, a vogal final {-a}.

Os dados em (6) demonstram que a marca de objeto, aqui realizada como {-xi-}, ocorre em uma posição imediatamente anterior à raiz verbal, de modo que nenhum material morfofonológico interpõe as posições de marca de objeto e raiz verbal, posições 7 e 8 da Tabela 1, em anexo. Essa constatação fica evidente na comparação dos dados (6b) e (6c), quando se percebe que o prefixo de tempo futuro {-ta-} deixa de ocupar a posição adjacente à raiz verbal quando há a introdução da marca de objeto {-xi-}.

No que diz respeito a forma que a marca de objeto assume, notamos que o prefixo que realiza a marca segue o mesmo padrão morfofonológico dos prefixos das classes nominais. Sendo assim, a marca do objeto é correferencial ao prefixo de classe nominal do NP referenciado. Ngunga e Simbine (2012) ilustram a correferencialidade entre a marca do objeto e o prefixo da classe do objeto marcado na Tabela 2, em anexo. Com fins de exemplificação, um nome da classe 2, como *vatsongwana* ‘crianças’, será marcado no verbo apenas pelo prefixo da classe 2 {-va-}. De forma semelhante, o nome *nghonyama* ‘leão’ da classe 9, durante o processo de marcação deste objeto o prefixo da classe 9 {-yi-} é que emerge para realizar a marca de objeto. Tal relação reforça a ideia de que o nome e a marca de objeto compartilham traços.

A FUNÇÃO DA MARCA DE OBJETO

Chimbutane (2002), destaca dois aspectos semântico-pragmáticos relacionados à marca de objeto. O primeiro deles diz respeito a interpretação atrelada ao NP referenciado pela marca de objeto, conforme o autor, a marca de objeto está relacionada ao argumento que apresenta a noção discursiva de tópico, isto é, uma informação dada. Sendo assim, “a MO pode ser analisada como um dispositivo que sinaliza que o NP co-indexado se refere a uma informação já introduzida no discursoⁱⁱ” (CHIMBUTANE, 2002, p.85, tradução minha). Isso, segundo o autor, motivaria a análise da marca de objeto como um pronome incorporado e o NP como um tópico discursivo, que ocupa uma posição fora do VP que contém a marca de objeto. Nessa perspectiva, a marca de objeto assume o papel de argumento na saturação da grade argumental do verbo, antes realizado pelo NP pleno.

Adicionalmente, o autor afirma que embora haja a correferencialidade entre a marca de objeto e o NP referenciado, a realização deste último não é obrigatória, tal qual se observa nos dados em (7) e (8):

(7) *Muhloti ayidlayile.*
 Mu-hloti a-yi-dlay-ile
 1-caçador 1MS-9MO-matar-PASS
 'O caçador matou-o.'

(8) *Ndzimuvonile bazara.*
 Ndzi-mu-von-ile Ø-bazara
 1PS.MS-1MO-see-PASS 5-mercado.
 'Eu o vi no mercado.'

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

Nos dados (7) e (8) acima é possível perceber que embora os NP's correlacionados às marcas {-yi-} e {-mu-} não sejam expressos nas frases, eles podem ser retomados por meio das

marcas de objeto, as quais parecem preencher a estrutura argumental dos verbos transitivos *kudlaya* ‘matar’ e *kuvona* ‘ver’.

O segundo aspecto semântico-pragmático apontado por Chimbutane (2002) diz respeito à restrição do tipo de NP que pode ser referenciado pela marca de objeto. Para tanto, o autor assume a escala de definitude proposta por Aissen (2000), apresentada (9):

(9) Escala de definitude:

Pronome pessoal > Nome próprio > NP definido > NP específico indefinido > NP não específico

Tendo como base a escala de definitude de Aissen (2000), Chimbutane (2002) afirma que a marca de objeto em Changana está associada a todos os elementos na hierarquia, com exceção das posições mais baixas da escala, isto é, o NP indefinido específico e o NP não específico. Isso porque sendo a marca de objeto uma estratégia relacionada à leitura de tópico, prevê-se que o objeto referido possua um referente comum aos interlocutores. Os dados em (10) ilustram tal restrição:

(10a) *Muhloti adlayile n'chumu.*

Mu-hloti	a-dlay-ile	n'chumu
1-caçador	1MS-matar-PASS	3-coisa

“O caçador matou alguma coisa.”

(10b) **Muhloti awudlayile n'chumu.*

Mu-hloti	a-wu-dlay-ile	n'chumu
1-caçador	1MS-3MO-matar-PASS	3-coisa

(Chimbutane, 2002, adaptado)

No par de dados acima, verificamos em (10a) uma frase transitiva com o argumento *muhloti* ‘caçador’ na posição de sujeito e o argumento *n'chumu* ‘coisa’ na posição de objeto. O fato de objeto *n'chumu* ‘coisa’ apresentar uma leitura não específica e não referencial em (10b) impede que haja a marcação do objeto, tornando a frase agramatical.

Ngunga, Duarte e Quesler (2016) propõem que a marca de objeto em Changana funciona como uma marca diferencial de objeto. Conforme esses autores, os traços relevantes relacionados ao NP marcado são os de definitude e especificidade, de modo que a marcação do objeto em Changana independe de o NP ser humano, animado ou inanimado. Isto é, na proposta desses autores, a marcação de objeto não é afetada pela escala de animacidade proposta por Aissen (2000), exposta em (11):

(11) Escala de animacidade: Humano > Animado > Inanimado

A proposta de Ngunga, Duarte e Quesler (2016) de que a marca de objeto em Changana está associada a escala de definitude, mas não a escala de animacidade é evidenciada por meio da gramaticalidade dos dados em (12), (13) e (14), os quais demonstram que o traço de animacidade não interfere no processo de marcação de objeto:

(12a) *Maria akumile nuna.*

Ø-Maria	a-kum-ile	Ø-nuna
1-Maria	1MS-encontrar-PASS	1-marido

'Maria encontrou um esposo.'

(12b) *Maria amukumile nuna.*

Ø-Maria a-mu-encontrar-ile Ø-nuna
 1-Maria 1MS-1MO-encontrar-PASS 1-marido
 'Maria encontrou um esposo. / 'Maria encontrou seu esposo.'

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

(13a) *Mbzana yihlongole xingove.*

M-bzana yi-hlongol-e xi-ngove
 9-cão 9MS-perseguir-PASS 7-gato
 'O cão perseguiu o gato.'

(13b) *Mbzana yixihlongolile.*

M-bzana yi-xi-hlongol-ile
 9-cão 9MS-MO-perseguir-PASS
 'O cão perseguiu-o.'

(14a) *Mamani aje pawa.*

Ma-mani a-j-e Ø-pawa
 1-mãe 1MS-comer-PASS 5-pão
 'A mãe comeu o pão.'

(14b) *Mamani arijile.*

Ma-mani a-ri-j-ile
 1-mãe 1MS-MO-comer-PASS
 'A mãe comeu-o.'

(LANGA, 2013, adaptado)

Em (12), o verbo transitivo *kukuma* 'encontrar' apresenta os argumentos *Maria*, na posição de sujeito, e *nuna* 'marido', na posição de objeto. Em (13), o verbo transitivo *kuhlongola* 'perseguir' exibe o argumento *Mbzana* 'cão', na posição de sujeito, e *xingove* 'gato', na posição de objeto. Já em (14), o verbo transitivo *kuja* 'comer' demonstra dois argumentos: *Mamani* 'mamãe', na posição de sujeito, e *pawa* 'pão', na posição de objeto. Apesar de representarem posições distintas na escala de animacidade os objetos *nuna* [+humano], *xingove* [- humano, + animado] e *pawa* [+ inanimado] são marcados similarmente no verbo por meio dos respectivos prefixos {-mu-}, {-xi-} e {-ri-}.

Diferentemente do que propõe Chibutane (2002) a respeito do estatuto da marca de objeto, Ngunga, Duarte e Quesler (2016) analisam a marca de objeto em Changana como marca de concordância com base no fato de o NP referenciado possuir leitura definida e poder coocorrer com a marca de objeto. Segundo esses autores, a interpretação do NP como um elemento definido e referencial, faz com que esse argumento saia do nível VP para uma posição no nível vP onde estabelece relação de *Agree* com o núcleo v° , fazendo com que a marca de objeto se realize no verbo em decorrência dessa operação. Nessa perspectiva, o NP não é analisado como um adjunto, mas sim como argumento do verbo e a marca de objeto reflete a operação de *Agree* entre v° e o NP.

OUTRAS ESTRUTURAS RELACIONADAS À MARCA DE OBJETO

Os dados da língua Changana analisados até o momento demonstram o processo de marcação de objeto em construções com verbos transitivos não extensos, ou seja, verbos que apresentam apenas um objeto pós-verbal e que não possuem extensões verbais relacionadas ao incremento no número de argumentos da estrutura verbal.

No entanto, não é apenas nessas construções que a marcação de objeto pode ser percebida. Nas próximas subseções analisaremos a ocorrência da marca de objeto em construções aplicativas derivadas de verbos intransitivos e em construções de duplo objeto.

A MARCA DE OBJETO EM CONSTRUÇÕES TRANSITIVIZADAS

Em Changana, há ocorrência de extensões verbais que atuam no incremento do número de argumentos das frases, uma delas é a extensão aplicativa codificada pela extensão {-el-} que ocorre sufixada à raiz verbal, gerando bases verbais derivadas por aplicativização. Neste processo de aumento da quantidade de argumentos, verbos que projetam apenas um argumento passam a ter dois argumentos e verbos que projetam dois argumentos passam a apresentar três argumentos.

Dessa maneira, observamos que se torna possível a ocorrência da marca de objeto em construções com verbos intransitivos que foram transitivizados por meio da operação de aplicativização. Considere as construções intransitivas em (15), (16) e (17):

- (15) *N'wana afile.*
 N'w-ana a-f-ile
 1-criança 1MS-morrer-PASS
 'A criança morreu.'
- (16) *Xipachi xiwile.*
 Xi-pachi xi-w-ile
 7-carteira 7MS-cair-PASS
 'A carteira caiu.'
- (17) *B'ava atirha.*
 Ø-B'ava a-tirh-a
 1-papai 1MS-trabalhar-VF
 'Papai trabalha.'
- (18) *Jaha leli lohleka.*
 Ø-Jaha le-li 1-o-hlek-a
 5-rapaz DEM-5 5MS-PROG-rir-VF
 'Este rapaz está rindo.'

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

Nos dados acima, observamos construções com os verbos (15) *kufa* 'morrer', (16) *kuwa* 'cair', (17) *kutirha* 'trabalhar' e (18) *kuhleka* 'rir', todos esses verbos são intransitivos e apresentam apenas um argumento, sendo eles respectivamente: *N'wana* 'criança', *Xipachi* 'carteira', *B'ava* 'papai' e *Jaha leli* 'este rapaz'.

Estes verbos se subdividem em dois tipos: os inacusativos e os inergativos. O primeiro trata-se do tipo de verbo que seleciona um argumento afetado pela ação do verbo, como ocorre nos dados em (15) e (16), já o segundo refere-se ao tipo de verbo que seleciona um argumento desencadeador da ação, sendo exemplo os dados em (17) e (18).

Tais verbos podem ser transitivizados por meio da sufixação do morfema {-el-} que introduz um argumento a frase com a leitura semântica, por exemplo, de beneficiário ou malefeciário como ilustrado em (19), (20), (21) e (22):

- (19) *N'wana amufelile (Mariya).*
 N'w-ana a-mu-f-el-ile (Ø-Mariya)
 1-criança 1MS-1MO-morrer-APPL-PASS 1-Mariya
 'A criança morreu em malefício dela (Maria).'
- (20) *Xipachi ximuwelile (mamani).*
 Xi-pachi xi-mu-w-el-ile (ma-mani)
 7-carteira 7MS-1MO-cair-APPL-PASS 1-mamãe
 'A carteira caiu em cima da mamãe.'
- (21) *B'ava amatirhela (mabunu).*
 Ø-B'ava a-ma-tirh-el-a (ma-bunu)
 1-papai 1MS-6MO-trabalhar-APPL-VF 6-boêr
 'Papai trabalha para eles (boêres).'
- (22) *Jaha leli loyihlekela (ntombhi).*
 Ø-Jaha le-li l-o-yi-hlek-el-a (n-tombhi)
 5-rapaz DEM-5 5MS-PROG-9MO-rir-APPL-VF 9-girl
 'Este rapaz está rindo para ela (a garota).'

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

O processo de aplicativização adiciona às frases os argumentos *Mariya*, em (19), e *mamani* 'mamãe', em (20), que possuem interpretação semântica de malefeciário. E inserem *mabunu* 'boêres', em (21) e *ntombhi* 'garota', em (22), que possuem leitura de beneficiário. Esses argumentos se tornam objeto do verbo aplicativizado e, nesse contexto, podem ser marcados no verbo por meio das marcas de objeto {-mu-}, {-ma-} e {-yi-}, respectivamente.

A MARCA DE OBJETO EM CONSTRUÇÕES COM DUPLO OBJETO

Chimbutane (2002) identifica que em Changana há construções de duplo objeto compostas por verbos não derivados, ou seja, aqueles que não apresentam uma extensão verbal, entretanto exibem dois objetos pós-verbais. Os verbos apresentados são *kunyika* 'dar' e *kukomba* 'mostrar', que podem ser analisados nos dados em (23) e (24):

- (23) *Mamani anyikile n'wana pawa.*
 Ma-mani a-nyik-ile n'w-ana Ø-pawa
 1-mamãe 1MS-dar-PASS 1-criança 5-pão
 'Mamãe deu pão à criança.'
- (24) *Mbabzi yikomba dokodela xilondza.*
 M-babzi yi-komb-a Ø-dokodela xi-londza

9-paciente 9MS-mostrar-VF 1-doutor 7-ferida
'O paciente está mostrando/mostra a ferida ao doutor.'

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

Nos dados acima, percebemos que embora não haja uma extensão verbal de aumento de valência, os verbos apresentam dois objetos pós-verbais. Em (23) notamos que o verbo *kunyika* apresenta os argumentos *n'wana* 'criança', com papel temático de recipiente, e *pawa* 'pão', com papel temático de tema. E em (24) o verbo *kukomba* exhibe os argumentos *dokodela* 'doutor' e *xilondza* 'ferida', o primeiro com papel temático de goal e o segundo com papel temático de tema.

No contexto de construções bitransitivas com verbos não derivados há, portanto, dois objetos na estrutura que a princípio poderiam ser marcados no verbo por meio da marca de objeto. O conjunto de dados abaixo, demonstra o processo de marcação dos objetos pós-verbais *n'wana* (25a), *pawa* (25b), *dokodela* (26a) e *xilondza* (26b):

(25a) *Mamani amunyikile pawa n'wana.*

Ma-mani	a- mu -nyik-ile	Ø-pawa	n'w-ana
1-mamãe	1MS- 1MO -dar-PASS	5-pão	1-criança

'Mamãe deu a ela, a criança, pão.'

(25b) **Mamani alinyikile n'wana pawa.*

Ma-mani	a- li -nyik-ile	n'w-ana	Ø-pawa
1-mamãe	1MS- 5MO -dar-PASS	1-criança	5-pão

'Mamãe deu-o, o pão, à criança.'

(26a) *Mbabzi yimukomba xilondza dokodela.*

M-babzi	yi- mu -komb-a	xi-londza	Ø-dokodela
9-paciente	9MS- 1MS -mostrar-VF	7-ferida	1-doutor

'O paciente está mostrando/mostra a ele, o doutor, a ferida.'

(26b) **Mbabzi yixikomba dokodela xilondza.*

M-babzi	yi- xi -komb-a	Ø-dokodela	xi-londza
9-paciente	9MS- 7MS -mostrar-VF	1-doutor	7-ferida

'O paciente está mostrando/mostra-a, a ferida, ao doutor.'

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

Os dados nas alíneas (a) indicam que o processo de marcação dos NP's *n'wana* e *dokodela* é gramatical na língua, enquanto os dados das alíneas (b) mostram que a marcação dos NP's *pawa* e *xilondza* geram frases agramaticais na língua. Chimbutane (2002) atrela esta agramaticalidade ao fato de que apenas argumentos com papéis temáticos mais proeminentes, ou seja, mais altos na Hierarquia Temática, são licenciados a marcação de objeto. A Hierarquia Temática adotada por Chimbutane (2002), prevê a seguinte ordenação dos papéis temáticos:

(27) Chimbutane (2002)

agente > beneficiário > recipiente/experienciador > instrumento > tema/paciente > locativo

Cabe salientar que, apesar da generalização da Hierarquia Temática ser adotada pela comunidade linguística, não existe um consenso a respeito da ordem dos papéis temáticos. Alguns autores adotam diferentes ordenações e papéis temáticos como se pode observar abaixo:

(28) Bresnan e Kanerva (1989)

agente > beneficiário > goal/experienciador > instrumento > paciente/ tema > locativo

(29) Cançado (2018)

agente > experienciador/beneficiário > tema/paciente > instrumento > locativo

De toda forma, considerando as hierarquias propostas em (27) a (29), percebemos que os argumentos *n'wana* (beneficiário) e *dokodela* (goal) são tematicamente mais altos na hierarquia que os argumentos *pawa* (tema) *xilondza* (tema). Por este motivo, confirmando a análise de Chimbutane (2002), apenas *n'wana* e *dokodela* apresentam a propriedade de objeto de ser marcado no verbo.

No que tange às construções de duplo objeto, além das construções bitransitivas com verbos não derivados analisadas até este momento, na língua Changana ocorrem construções aplicativas a partir de bases transitivas. Como discutido na subseção anterior, o processo de aplicativização incrementa a quantidade de argumentos da estrutura do verbo. Sendo assim, no contexto de aplicativização de construções transitivas a estrutura verbal passa a contar com a ocorrência de dois argumentos na posição pós-verbal, a saber: o objeto aplicado e o objeto direto. No par de dados em (30), verificamos esse processo:

(30a) *Hahani asveka tihlampfi.*

Hahani	a-svek-a	ti-hlampfi
1-tia	1MS-cozinhar -VF	10-peixe

‘Minha tia está cozinhando peixes.’

(30b) *Hahani asvekela vapfhumba tihlampfi.*

Hahani	a-svek-el-a	va-pfhumba	ti-hlampfi
1-tia	1MS-cozinhar-APPL-VF	2-convidado	10-peixe

‘Minha tia está cozinhando peixes para os convidados.’

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

Em (30a), observamos a frase transitiva não derivada na qual há o argumento *hahani* ‘tia’, que ocupa a posição de sujeito, e do argumento *tihlampfi* ‘peixes’, que ocupa a posição de objeto direto. Em (30b), verificamos o processo de aplicativização, que adiciona um argumento pós-verbal à construção, neste caso, o objeto aplicado *vapfhumba* ‘convidados’.

Nos dados (31a) e (31b), verificamos o contexto de marcação de objeto em construções aplicativas:

(31a) *Hahani avasvekela tihlampfi (vapfhumba).*

Hahani	a- va -svek-el-a	ti-hlampfi	(va-pfhumba)
1-tia	1MS- 2MO -cozinhar-APPL-VF	10-peixe	2-convidado

‘Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados).’

(31b) **Hahani atisvekela vapfhumba (tihlampfi).*

Hahani	a- ti -svek-el-a	va-pfhumba	(ti-hlampfi)
1-tia	1MS- 10MO -cozinhar-APPL-VF	2-convidado	10- peixe

‘Minha tia está cozinhando convidados para eles, (os peixes).’

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

Nos exemplos em (31), percebemos que quando há a marcação de objeto em construções aplicativas, existe uma restrição em relação a qual dos objetos pós-verbais poderá ser marcado no verbo. O dado em (31a) demonstra que é gramatical a marcação do objeto aplicado, *vapfhumba*, enquanto a marcação do objeto direto, *tihlampfi* em (31b), gera uma frase agramatical. Chimbutane (2002), afirma que nas construções aplicativas apenas o objeto aplicado aciona a propriedade de objeto de ser marcado no verbo.

Com base no dado abaixo é possível fazer algumas considerações acerca do número de marcas de objeto licenciadas em construções aplicativas:

(31c) **Hahani ativasvekela (tihlampfi) (vapfhumba)*.

Ø-Hahani	a-ti-va-svek-el-a	(ti-hlampfi)	(va-pfhumba)
1-tia	1MS-10MO-2MO-cozinhar-APPL-VF	10-peixe	2-convidado.

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

A agramaticalidade da marcação simultânea dos objetos *tihlampfi* e *vapfhumba* no dado acima, demonstra que a língua Changana não permite a ocorrência concomitante de múltiplas marcas de objeto, sendo assim apenas um objeto é marcado na estrutura do verbo.

A MARCA DE OBJETO E A ORDEM DOS CONSTITUINTES NA FRASE

De acordo com Ngunga e Simbine (2012) a língua Changana apresenta o padrão SVO, isso porque a estrutura canônica das orações na língua segue a ordem sujeito seguido do verbo e por último o objeto. Essa ordenação linear dos constituintes pode ser observada em construções transitivas, tal qual demonstrado adiante:

(32a) *Nsati wa Johane asviviluva*.

N-sati	wa	Johane	a-svi-von-ile	svi-luva.
1-esposa	GEN	Johane	1MS-8MO-ver-PASS	8-flor

‘A esposa do João viu as flores.’

(NGUNGA E SIMBINE, 2012, adaptado)

No dado em (32a) o NP complexo *Nsati wa Johane* ocupa a posição de sujeito, seguido do verbo *avonile* — composto pela marca de sujeito {a-}, a marca de objeto {-svi-}, a raiz verbal {-von-} e o sufixo de tempo passado {-ile} — e, por fim, o NP *sviluva* ocupa a posição de objeto da frase. Ilustrando, portanto, a ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO).

Ainda conforme Ngunga e Simbine (2012), o fato de o Changana ser uma língua aglutinante proporciona uma flexibilidade na ordem dos constituintes. Isso porque o fato da marca de sujeito (MS) e a marca de objeto (MO) serem correferenciais aos NP’s que retomam garante a interpretação do NP como sujeito ou objeto independentemente da ordem linear dos constituintes. Tal assunção pode ser notada nos dados em (32):

(32b) *Sviluva nsati wa Johane asviviluva*.

Svi-luva	n-sati	wa	Johane	a-svi-von-ile.
8-flor	1-esposa	GEN	Johane	1MS-8MO-ver-PASS

‘Lit: Flores a esposa do João as viu.’

(32c) *Asvivoile sviluva nsati wa Johane.*

A-svi-von-ile	svi-luva	n-sati	wa	Johane	.
1MS-8MO-ver-PASS	8-flor	1-esposa	GEN	Johane	

‘Viu as flores a esposa do João.’

(NGUNGA E SIMBINE, 2012, adaptado)

O par de dados acima demonstra que o embaralhamento dos constituintes na ordem linear não gera prejuízo a gramaticalidade das frases, em (32b) observamos a ordem OSV e em (32c) a ordem VOS. A marca de sujeito {a-}, correferencial ao NP *nsati wa Johane*, e a marca de objeto {-svi-}, correferencial ao NP *sviluva*, possibilitam que estes NP's sejam interpretados, respectivamente, como sujeito e objeto independentemente da posição linear que ocupem na frase.

No entanto, essa liberdade da ordem linear ocorre apenas se os NP's forem de classes nominais distintas, caso contrário é a ordem que define as funções sintáticas, observe os dados em (33):

(33a) *Mujondzisi amuvonile mujondzi.*

Mu-jondzisi	a-mu-von-ile	mu-jondzi
1-professor	1MS-MO-ver-PASS	1-aluno

‘O professor viu o aluno.’

(33b) *Mujondzi amuvonile mujondzisi.*

Mu-jondzi	a-mu-von-ile	mu-jondzisi
1-aluno	1MS-MO-ver-PASS	1-professor

‘O aluno viu o professor.’

(NGUNGA E SIMBINE, 2012, adaptado)

Ambos NPs *mujondzisi* ‘professor’ e *mujondzi* ‘aluno’ são da classe 1 e, portanto, apresentam a mesma marca de sujeito {a-} e a mesma marca de objeto {-mu-}. Esta semelhança impede que a ordem dos constituintes seja livre na frase e a posição dos NPs passa a definir a função sintática, sendo que à esquerda do verbo encontra-se o sujeito e à direita do verbo encontra-se o objeto.

Outro aspecto sobre a ordem dos constituintes pode ser observado no contexto de marcação de objeto em construções com duplo objeto. Nessas construções percebemos uma alteração na ordem dos objetos pós-verbais. Isso porque quando a marcação ocorre, o NP referenciado pela marca ocupa a posição final, à direita, na frase. Os dados retomados em (34) e (35) demonstram essa mudança de ordem:

(34a) *Mamani anyikile n'wana pawa.*

[idem 18]

Ma-mani	a-nyik-ile	n'w-ana	Ø-pawa
1-mamãe	1MS-dar-PASS	1-criança	5-pão

'Mamãe deu pão à criança.'

(34b) *Mamani amunyikile pawa n'wana.*

[idem 20a]

Ma-mani	a-mu-nyik-ile	Ø-pawa	(n'w-ana)
1-mamãe	1MS-1MO-dar-PASS	5-pão	1-criança

'Mamãe deu a ela, a criança, pão.'

(35a) *Hahani asvekela vapfhumba tihlampfi.* [idem 27b]
 Hahani a-svek-el-a va-pfhumba ti-hlampfi
 1-tia 1MS-cozinhar-APPL-VF 2-convidado 10-peixe
 ‘Minha tia está cozinhando peixes para os convidados.’

(35b) *Hahani avasvekela tihlampfi (vapfhumba).* [idem 28a]
 Hahani a-svek-el-a
 Hahani a-va-svek-el-a ti-hlampfi (va-pfhumba)
 1-tia 1MS-2MO-cozinhar-APPL-VF 10-peixe 2-convidado
 ‘Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados).’

(CHIMBUTANE, 2002, adaptado)

Tal movimento é percebido pela comparação das posições que os argumentos *n'wana* em (34) e *vapfhumba* em (35) ocupam. Nas alíneas (a) em que não há a marcação dos objetos eles ocorrem adjacentes ao verbo, já nas alíneas (b) os NP's correferentes às marcas de objeto {-mu-}, em (34b), e {-va-}, em (35b), ocorrem na posição final das frases.

Consoante Chimbutane (2002, p. 85, tradução minha) “o NP associado ao argumento interno ocorre na realidade fora do VP que contém a MO [marca de objeto] co-indexadaⁱⁱⁱ”, isto é, segundo esta análise, os NP's *n'wana* e *vapfhumba* nos contextos de marcação, não ocorrem na posição argumental em que foram gerados. Essa posição fora do VP confere ao NP uma leitura tópica, uma vez que o NP “refere-se à informação presumivelmente conhecida pelo receptor, mas incluída pelo emissor com o propósito de enfatizar ou clarificar (cf. Givon, 1976)^{iv}” (CHIMBUTANE, 2002, p. 115, tradução minha). Ainda segundo o autor, tal comportamento reforça a proposta de que a marca de objeto seja um pronome incorporado que satisfaz a grade argumental do verbo, enquanto o NP referido não mantém nenhuma relação sintática com o verbo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a desenvolver uma sistematização do comportamento da marca de objeto em Changana a partir da análise de propostas desenvolvidas nos trabalhos de Chimbutane (2002), Ngunga e Simbine (2012), Langa (2013) e Ngunga, Duarte e Quesler (2016) sobre esse fenômeno na língua. Com base nesses trabalhos, sistematizou-se alguns aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos a respeito da marca de objeto na língua Changana.

A marcação de objeto é um processo comum na língua, porém, apresenta caráter opcional. Em construções que apresentam a marca de objeto, verifica-se que um prefixo correferencial ao NP é realizado na posição imediatamente anterior a posição da raiz verbal. Nesse processo de marcação é possível haver a coocorrência da realização da marca de objeto e do NP referenciado, sendo que este último pode ser apagado da estrutura sem haver prejuízo a gramaticalidade da frase. Além disso, percebe-se que a marcação de objeto está associada a uma leitura tópica do objeto marcado, isso porque o NP referenciado assume uma leitura definida e referencial, ou seja, a marca de objeto relaciona-se a uma informação dada no discurso.

Adicionalmente, verifica-se que o processo de marcação de objeto ocorre canonicamente em estruturas com verbos transitivos, mas também é realizado em construções transitivizadas, ou seja, construções aplicativas derivadas a partir de verbos inacusativos e inergativos. Ademais, a marcação de objeto ocorre em construções com duplo objeto: construções bitransitivas com verbos

não derivados e construções transitivas aplicativizadas. Em ambos os contextos, somente o argumento mais alto na Hierarquia Temática (beneficiário ou goal, por exemplo) é marcado no verbo, sendo assim, a língua permite a realização de apenas uma marca de objeto na estrutura verbal.

Outra propriedade analisada no contexto de marca de objeto, diz respeito a ordem dos constituintes, canonicamente SVO é a ordem não marcada na língua, porém com a marcação de objeto essa ordem torna-se mais flexível, uma vez que a marca de objeto, juntamente a marca de sujeito, permite-nos identificar qual argumento ocupa a posição de objeto e qual ocupa a posição de sujeito. Em construções com duplo objeto, percebe-se uma tendência de o NP marcado alterar sua posição de adjacente ao verbo para posição final (após o objeto direto).

No que diz respeito ao estatuto gramatical da marca de objeto, observa-se uma divergência na análise do fenômeno, isso porque Chimbutane (2002) e Ngunga e Simbine (2012) assumem que a marca de objeto é reflexo do processo de pronominalização, enquanto Ngunga, Duarte e Quesler (2016) propõem que a marca de objeto seja resultado da operação de *Agree*. Na proposta da marca de objeto como pronominalização, o NP referenciado não estabelece relação argumental com o verbo, enquanto na proposta da marca de objeto como concordância o NP referenciado tem estatuto de argumento do verbo e o prefixo da marca de objeto é o resultado morfofonológico da operação *Agree*.

A análise realizada neste trabalho não esgota a reflexão sobre o processo de marca de objeto na língua Changana, pelo contrário ela serve como um ponto de partida para discussões acerca do processo de marcação de objeto na língua. Para futuras investigações, demonstra-se relevante análises que atestem o estatuto gramatical da marca de objeto e do NP referenciado pela marca, investiguem qual é a posição que o NP referenciado ocupa na estrutura sintática e expliquem por qual motivo não ocorre dupla marcação de objeto em construções com dois objetos pós-verbais.

Contribuição dos autores

Todos os autores fizeram uma contribuição significativa no trabalho, quer seja na concepção, execução, aquisição de dados, análise e interpretação; tomaram parte na preparação e revisão crítica do manuscrito; deram a sua aprovação na versão final do manuscrito submetido para ser publicado; participaram na seleção da revista em que o manuscrito foi submetido e tem responsabilidade em todos os aspectos relacionados com este trabalho.

Interesses conflitantes

Os autores declaram não haver potenciais interesses conflitantes no que diz respeito a pesquisa, autoria e publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- AISSSEN, J. **Differential object marking**: Iconicity vs. Economy (Draft). On-line: <http://ling.UCSC.edu/-aissen>. 2000
- BRESNAN, J.; KANERVA, J. Locative inversion in Chichewa. **Linguistic Inquiry**, v. 20, n. 1, p. 1-50, 1989.

CAÇADO, M. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. 2 ed. 1^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, 192 p.

CHIMBUTANE, F. **Grammatical functions in Changana**: types, properties and functions alternations. 2002. Dissertação de mestrado não publicada. The Australian National University: Camberra, 2002.

DUARTE, F. B.; CAMARGOS, Q. F.; NGUNGA, A. Differential object marking in Mozambican languages. In: PAYNE, D. L., PACCHIAROTTI, S. & BOSIRE, M. (Eds.). **Diversity in African languages**. Berlin: Language Science Press, 2016, p. 333-354.

GIVON, T. Topic, pronoun and grammatical agreement. In. LI, Chales N. **Subject and Topic: A New Typology of Language**. New York: Academic Press. 1976, pp.149-188

LANGA, D. **Morfofonologiado verbo em Changana**. Maputo: CEA, 2013.

MACEDO, N. D. de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

NGUNGA, A.; SIMBINE, M. C.. **Gramática Descritiva da Língua Changana**. Colecção: As nossas línguas. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) UEM, 2012.

ANEXOS:

TABELA 1 - Referências utilizadas

Autor	Ano	Título	Tipo
Chimbutane	2002	Grammatical functions in Changana: Types, properties and function alternations	Tese
Ngunga e Simbine	2012	Gramática descritiva da língua Changana	Livro
Langa	2013	Morfologia do verbo em Changana	Livro
Ngunga, Duarte e Quesler	2016	Differential object marking in Mozambican languages	Capítulo de livro

Fonte: elaborada pelos autores

TABELA 2: Prefixos nominais e marca de objeto

Classes	Prefixos de classe	Marca de objeto
1	{mu-}	{-mu-}
2	{va-}	{-va-}
1a	{wa-}	{-mu-}
2a	{vava-}	{-va-}
3	{mu-}	{-wu-}
4	{mi-}	{-yi-}
5	{ri-}	{-ri-}
6	{ma-}	{-ya-}
7	{xi-}	{-xi-}
8	{svi-}	{-svi-}
9	{(yi)N-}	{-yi-}
10	{ti-}	{-ti-}
11	{li-}	{-li-}
14	{wu-}	{-wu-}
15	{ku-}	{-ku-}
Locativas	{-ha, -ku, -mu}	{-ku-}

Fonte: Ngunga e Simbine (2012, p. 137, adaptada)

NOTAS

ⁱ ANT – Passado Anterior; CONT – Aspecto Contínuo; EV – Extensão Verbal; EXCL – Aspecto Exclusivo; FACT – Aspecto Factual; FUT – Futuro; HAB – Aspecto Habitual; IMED – Passado Imediato; IMP – Modo Imperativo; INF ; MO – Marca de Objeto; MS – Marca de Sujeito; NEG – Negação; PART – Marca dos participantes; PFV – Aspecto Perfectivo; POT – Modo Potencial; PRES – Presente; REL – Passado Relativo; SUBJ – Modo Subjuntivo; VF – Vogal Final.

ⁱⁱ [...] the OM can be analysed as a device signalling that its coindexed NP refers to information already introduced in the discourse.

ⁱⁱⁱ [...] the NP associated with the internal argument actually occurs outside the VP containing its coindexed OM Chimbutane (2002)

^{iv} [...] it refers to information presupposed known to the addressee but included by the speaker for the purpose of emphasis or clarification (cf. Givon, 1976)